

Família, criatividade e prazer no ofício: etnografia da aprendizagem em uma marcenaria na Amazônia^{1 2}

Luiz Francisco Loureiro, UEA/Amazonas

Ana Claudeise Silva do Nascimento, IDSM/Amazonas

Marília de Jesus da Silva e Sousa, IDSM/Amazonas

Nelissa Peralta Bezerra, UFPA/Pará

Palavras-chave: aprendizado, identidade profissional, artesãos.

Introdução

A marcenaria é, como sugere Emília Ribeiro (1950), um ofício tradicional, cujas origens remetem ao longínquo período em que os humanos deixaram de se preocupar apenas com o abrigo contra intempéries e inimigos e passaram se dedicar ao conforto e à praticidade de suas moradias. Trata-se de um ofício em que é exigido aos praticantes domínio sobre um processo de produção em que o maquinário e as ferramentas utilizadas são determinantes para o ritmo e a forma do processo de trabalho. Além disso, ao praticante da marcenaria exige-se habilitação para a feitura de objetos cujo processo de produção, diferente do modo de produção capitalista, tem alto grau de dependência das habilidades do trabalhador. Diferente da carpintaria, a prática do marceneiro está mais relacionada com a construção de objetos de madeira que exigem precisão e minúcia nos acabamentos, o que também pode lhe conferir o status de arte. E, ainda que seja realizada entre as mais variadas sociedades ao longo da história e ao redor do mundo, a marcenaria não pode ser considerada uma prática unívoca, pois apresenta importantes variações de acordo com os contextos em que é praticada (RIBEIRO, 1950).

Em Tefé, um município situado no estado do Amazonas, na região do médio rio Solimões, fatores como a oferta de madeira de boa qualidade, a existência de pequenos grupos de prática bem estruturados e a ausência de grandes empresas moveleiras permitem que essa prática social ainda sobreviva com características familiares e semi-

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Este artigo é resultado do aprofundamento de um trabalho de conclusão da disciplina “Conhecimentos, práticas tradicionais e aprendizado na Amazônia”, ministrada no primeiro semestre do ano de 2017 no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas.

artesanais. Por exemplo, na marcenaria de Raimundo, nosso contexto etnográfico, os principais produtos são portas, batentes, mesas, cômodas, prateleiras e araras para pendurar cabides. Além disso, como pretendemos demonstrar a seguir, neste espaço de trabalho também se produz aprendizado. Pois é na prática diária que os personagens dessa etnografia da aprendizagem se criam e recriam o tradicional ofício de marceneiro.

É na ideia de que a cultura se aprende e que o aprendizado de técnicas e significados coletivos é um fator indispensável para a existência das práticas sociais que encontramos a justificativa para a realização deste trabalho. Consideramos, assim, que o estudo do fenômeno do aprendizado, nos moldes como buscamos realizá-lo, é uma forma de lançar luz sobre a reprodução das práticas sociais e de seus grupos de praticantes, esclarecendo, por exemplo, aspectos de sua formação e de sua estrutura. Além desta, outra importante razão de ser que podemos atribuir a este tipo de estudo é o conhecimento e a apresentação das perspectivas dos próprios sujeitos, dos menos aos mais experientes, sobre sua identificação com o ofício que praticam e as dificuldades que encontram para exercê-lo.

O objetivo principal deste estudo etnográfico foi descrever e interpretar o processo de reprodução do ofício de marceneiro. Podemos elencar, além deste, uma série de objetivos secundários que possibilitaram a construção de nossa descrição interpretativa: o conhecimento do espaço da aprendizagem em questão e das características dos sujeitos envolvidos; do contexto social de desenvolvimento da prática aprendida e do sistema de relações nele desenvolvido; e de como e o que e se aprende e quais as motivações para aprender.

A metodologia desenvolvida para alcançar este objetivo esteve baseada na observação direta e na realização de conversas durante o trabalho dos artesãos marceneiros. Na observação, tendo como base a ideia de etnografia defendida por Clifford Geertz (1989), empregamos nossa atenção para descrever e interpretar o comportamento dos praticantes durante o desempenho de suas tarefas. Nestes momentos tínhamos em vista, sobretudo, a compreensão do sistema de relações, o uso do espaço e do maquinário pelos praticantes e a identificação da forma como o aprendizado contribui para a reprodução das técnicas do ofício de marceneiro.

As conversas, por outro lado, foram conduzidas de forma menos sistemática, em meio a realização das tarefas diárias ou em pequenas pausas para descanso, o que conferiu um caráter menos formal para o processo de levantamento de dados em comparação com a realização de entrevistas. A vantagem desta estratégia foi que alguns assuntos surgiram mesmo sem que houvesse o estímulo de perguntas mais ou menos estruturadas, com os

praticantes dizendo espontaneamente o que achavam da marcenaria ou das tarefas que realizavam.

O texto que se segue é composto por duas seções. A primeira delas um apanhado teórico que visa esclarecer as premissas e os conceitos que orientaram tanto a observação quanto a análise do contexto de aprendizagem etnografado, que é a marcenaria de Raimundo. A seguir, a apresentação dos resultados da pesquisa e a discussão sobre esse contexto revelarão nossas impressões e nossas considerações sobre a aprendizagem do ofício de marceneiro naquela comunidade de praticantes.

Os conceitos e o contexto

A noção de aprendizagem que norteou nossas observações é aquela que entende o aprendizado como um fenômeno difuso e onipresente no tempo e no espaço (GOMES, 2016). Não há, portanto, momento ou lugar mais apropriados ou exatos para a aprendizagem. Aprendemos quando alguém nos ensina, mas também enquanto observamos, praticamos ou discutimos determinada prática. No contexto analisado isso significa assumir que Timóteo, o marceneiro com menor experiência em nosso contexto etnográfico, aprende marcenaria todos os dias, todo o tempo que passa trabalhando. Não apenas ele, mas todos que estavam ali, os mais e os menos experientes, vivem um processo contínuo de aprendizado. Isso sem dúvida torna a tarefa da antropologia da aprendizagem mais complexa, mas também deve tornar seus resultados mais instigantes e completos.

Compreendemos que a forma das relações pelas quais se ensina e se aprende é a da educação da atenção e devemos, portanto, superar a visão equivocada de que o conhecimento pode ser transmitido de um para outro indivíduo (INGOLD, 2010). O que há, nos casos em que o aprendizado é decorrente de uma relação de ensino, é uma espécie de orientação, a educação da atenção do aprendiz pela experiência do instrutor. No contexto observado, essa educação era expressa, por exemplo, durante as conversas de Timóteo e Raimundo a respeito dos trabalhos realizados. É por ter mais apurada a educação de sua atenção para assuntos de marcenaria que Raimundo pode estar em uma posição central no grupo de praticantes, o que significa, do ponto de vista teórico, que ele possui conhecimentos e habilidades suficientes para reunir ao seu redor um grupo de praticantes iniciados e iniciantes no ofício. Esta é, pois, também uma questão de experiência. Se algumas vezes Raimundo corrigia e dava explicações sobre atos e comentários de Timóteo, ou chamava sua atenção para formas mais fáceis de executar

determinadas tarefas, o fazia por que estava, por sua maior experiência, em condição de orientar.

Outra ideia importante sobre o aprendizado é a de que em sua essência, assim como a evolução dos organismos, esse fenômeno tem “a exploração e a mudança” (BATESON, 1986, p.55). Isso de um modo tal que a aprendizagem é uma forma contínua de troca de informações entre o contexto, sempre se renovando, e o indivíduo. É, portanto, na relação com os contextos que aprendemos. Timóteo, assim como Raimundo, aprendeu e aprende porque vive a marcenaria. Inseridos nesse contexto, se deparam diariamente com situações novas, exploram possibilidades dentro de seu ofício e, assim, aprendem constantemente. Daí vem a importância de, para se tornar experiente, estar em contato com aquilo que se pretende aprender.

É interessante dar relevo também à ideia de que a aprendizagem envolve a construção de identidades, ou seja, relações de longo-prazo entre pessoas e a filiação social a uma comunidade de prática (LAVE e WENGER, 1991). Com a aprendizagem a pessoa muda a si mesma e, ao mesmo tempo, a sua comunidade de prática. Ter isso em mente nos ajuda a pensar na aprendizagem para além dos sujeitos aprendizes e nos obriga a olhar as relações por eles desenvolvidas em seus contextos de prática. Metodologicamente a abordagem da aprendizagem situada nos propõe então, a descrição da organização sociocultural do espaço onde a atividade e a circulação de experiência ocorrem. Como observadores da aprendizagem devemos voltar, assim, nossos olhares para os conflitos, interesses, significados comuns e motivações dos participantes.

Ainda a respeito da natureza do aprendizado, é importante estar atento ao fato de que “o aprendizado é uma dimensão integral e inseparável das práticas sociais” (LAVE e WENGER, 1991, p.2). É por meio do aprendizado que as práticas sociais se perpetuam e renovam seus quadros de praticantes e suas técnicas. Em síntese, a reprodução de comunidades de praticantes é o sustentáculo das práticas sociais, e o seu meio de fazê-lo é o aprendizado. Quer dizer que a marcenaria só existe como uma prática social, porque suas técnicas e seus significados são ensinados e aprendidos por seus praticantes. Não poderia haver marcenaria sem praticantes da marcenaria. Por isso o aprendizado é tão primordial para as práticas sociais.

Outros conceitos de Lave e Wenger úteis para nossas análises foram os *de prática social, comunidade de praticantes e participação periférica legítima* (LAVE e WENGER, 1991). Muito brevemente, podemos descrever uma prática social como um mundo gerador de técnicas e significados. A comunidade de praticantes é um grupo de

praticantes de uma prática social. E a participação periférica legítima é o modo de ingresso nessa comunidade e envolve, simultaneamente, a aceitação pelo grupo e o movimento do praticante da periferia para o centro da prática conforme ele adquire experiência. A periferialidade da participação não é contrária, entretanto, à centralidade da atividade. O termo se refere a uma trajetória do praticante, que pode estar ou não em posição de empoderamento, a depender do percurso ou do movimento da participação. A título de exemplo, no caso que observamos a prática social é a marcenaria; a comunidade de praticantes é o grupo que compõe a marcenaria de Raimundo; e a participação periférica legítima analisada foi a de Timóteo.

O termo *técnica*, como empregado neste artigo, representa “um ato *tradicional eficaz*”, sendo que sua definição depende dessa natureza (MAUSS, 2003, p.407). O papel de sua qualidade de *tradição* é assegurar sua difusão, enquanto a *eficácia* é o que garante sua aplicabilidade. Uma das dimensões fundamentais do aprendizado é possibilitar que as técnicas possam sobreviver à morte de seus detentores. São muitas as técnicas que observamos no cotidiano da marcenaria de Raimundo. Alguns exemplos são a feitura de uma fresa para dar acabamento às peças de madeira, o preparo e o uso de uma trave capaz de sustentar a extremidade da peça que já foi plainada, e olhar em plumo para as quinas da peça para verificar sua retidão.

Isso nos remete ao fato de que o aprendizado observado no contexto etnografado pode ser localizado entre os patamares 1 e 2 sugeridos por Bateson, ou seja, envolve tanto a transferência de respostas conhecidas para novos contextos quanto a criação de novas respostas em novos contextos (OLIVEIRA, 2016). O que se aprende no contexto descrito, portanto, diz muito respeito a técnicas e as suas possibilidades de aplicação. Não era o caso de aprender a utilizar ferramentas simples, nem o caso de aprender a fazer tamboretas. Não se tratava, pois, de aprender a postura ou a força necessária para desempenhar as tarefas de um marceneiro, mas de aprender a diagnosticar situações e a aplicar técnicas adequadas para a solução dos problemas.

Descrição e análise do contexto de aprendizado

A marcenaria de Raimundo é uma empresa familiar, que trabalha principalmente por encomendas. Nela trabalham, além de Timóteo e Raimundo, um irmão e um filho seus. Este irmão é vigia e trabalha na marcenaria apenas em suas folgas. O filho não recebe como um funcionário, apenas paga a madeira que utiliza e tem acesso livre ao maquinário. Timóteo é o único funcionário fixo. Ele e o irmão de Raimundo recebem por



Figura 1 - Visão da marcenaria a partir do quintal da casa de Raimundo

produção, 30% do valor das obras. É, portanto, um contexto social profissional, mas em grande medida as relações que ali se desenrolam são familiares.

O barracão da marcenaria fica em um terreno adjacente à casa de Raimundo. Não há muro nem cerca que os separe, de modo que o quintal se confunde com o depósito de madeiras e o trânsito entre os microambientes é desimpedido: se algumas vezes os netos de Raimundo brincam próximo ao maquinário, outras vezes Timóteo, seu funcionário, entra em sua cozinha para tomar água ou remover a serragem dos olhos. Pela manhã, a sombra da cobertura de telhas do barracão se funde com a sombra de duas grandes mangueiras que crescem em seu quintal. No terreiro, cães e galinhas ajudam a reforçar o clima rural, ainda que em plena cidade. Algo que diz respeito às origens de Raimundo, que não esconde o desejo de morar em seu sítio e se dedicar à criação de alguns animais. É, assim, evidente a relação próxima que há entre a marcenaria e a casa de Raimundo, sendo que muitas vezes a primeira parece uma extensão da segunda.

Destoando das demais faixadas da rua, o barracão tem sua única parede, a de entrada, toda de madeira. Mesmo havendo uma porta frontal, é comum que clientes da marcenaria entrem por um portão grande, que dá para o quintal da casa. No interior, a luz pela manhã e à tarde é sempre amarela e reduzida. Nada, no entanto, que comprometa a

visibilidade dos marceneiros. Ali o maquinário é organizado quase irregularmente, respeitando apenas um caminho central, entremeado por retalhos de madeira, pilhas de serragem e móveis em construção. Sob um telhado de telhas de amianto, um emaranhado de fios conecta cada máquina à rede elétrica. São doze itens, entre bancadas e máquinas, distribuídos com não mais de 2m de intervalo entre cada um, em uma área de aproximadamente 7x15m. De modo que, como em uma casa de família, ainda que realizando tarefas distintas, um sempre pode observar o que faz o outro.



Figura 2 - Interior da marcenaria de Raimundo

Raimundo tem 65 anos. É do baixo rio Juruá e seus avós eram todos seringueiros de origem nordestina. Ele mesmo conta que cortou seringa desde os oito ou nove anos de idade. Antes de se casar, serrou madeira em tora e trabalhou em roças de mandioca. Há 30 anos tem a sua marcenaria. Conta também que começou no ofício sozinho, sem mestre, e diz que no início as coisas eram tão difíceis para ele que até pensou em largar o negócio. Hoje, no entanto, é provavelmente um dos principais marceneiros de Tefé. Posição conquistada por meio da aquisição de maquinário único na cidade, como ele mesmo ressalta, e muitos anos de experiência.

Timóteo tem 27 anos. Nascido em São Paulo de Olivença, desde os sete anos de idade foi criado em Jutai. Trabalha desde os 18 anos com madeira, mas na marcenaria de

Raimundo tem pouco mais de um ano de serviço. “Eu não sei muito, quem sabe bem é o sr. Raimundo” disse Timóteo sobre o ofício de marceneiro. Já trabalhou no garimpo e como selecionador de peixes em um flutuante frigorífico. “Eu não achava interessante esse negócio de trabalhar com madeira, comecei porque me chamaram e eu fui. Agora não sei mais o que fazer se não for mexer com madeira”, declarou. É interessante notar que apesar de se considerar pouco experiente na marcenaria, se colocando em uma posição inferior a Raimundo nesse assunto, Timóteo parece entender que esse é, de forma muito clara, o seu ofício. Tal perspectiva pode ser um importante indício de como tornar-se marceneiro envolve um processo de formação progressiva, que permite tanto o reconhecimento daqueles mais experientes quanto a compreensão de que há um percurso a ser trilhado por meio do que chamamos de engajamento progressivo, neste caso indo do desinteresse a completa identificação com o ofício.

Durante os dias de observação, acompanhamos o beneficiamento de algumas vigas, pesadas peças de madeira com medidas por volta de seis metros de comprimento. Um serviço que Raimundo e Timóteo fizeram juntos. Nesse caso específico, Timóteo realizou as etapas que demandavam mais força enquanto Raimundo o orientava. É possível, no entanto, que seja uma prática comum, dadas as idades de cada um. Na divisão das tarefas relacionadas ao início do beneficiamento das vigas, Timóteo ficou responsável por limpar a máquina dos resíduos de um uso anterior, enquanto Raimundo tratou de preparar uma trave improvisada capaz de sustentar as extremidades que já tivessem passado pela lâmina da plaina desempenadeira.

Depois de um intervalo no serviço para tratar de assuntos pessoais, Raimundo retornou ao improviso enquanto Timóteo enchia um saco com serragem para uma criadora de galinhas. De volta ao trabalho, Timóteo se aproximou de Raimundo que lhe deu algumas explicações e passou a instruí-lo no preparo do improviso: uma trave entre dois pilares de madeira, próprios da estrutura do barracão da marcenaria, na mesma altura da bancada da plaina.

Embora viesse agindo como um assistente de Raimundo, houve alguns raros momentos em que Timóteo também determinou ações e papéis. Um exemplo foi uma inversão de papéis entre quem sustentaria a ponta da viga antes que ela chegasse à trave improvisada e quem a empurraria sobre a plaina. A um gesto de Timóteo, Raimundo atendeu prontamente e trocaram de lugar. Não ficou claro a que necessidade correspondia



Figura 3 - Raimundo e Timóteo trabalham vigas na plaina desengrossadeira

aquela inversão, mas, em todo caso, episódios como esse sugerem que não há papéis fixos no desempenho das funções dentro desta comunidade de prática.

Poucas vezes no período observado os papéis de patrão e empregado ficaram evidentes. Apenas nas horas de saída, Timóteo avisava respeitosamente a Raimundo que já havia dado seu horário. Por outro lado, algo que pudemos identificar como determinante nas relações foi o nível de experiência, especialmente entre os dois protagonistas de nossa observação. Mesmo assim Raimundo e Timóteo conversavam sobre as tarefas que realizavam com muita naturalidade. Uma forma amigável de trabalhar, que pode dizer muito sobre a forma de ensinar e aprender que se desenrola nesta comunidade de praticantes. Observamos com frequência que Timóteo opinava e Raimundo, se discordasse, explicava porque não era como ele havia dito. De qualquer forma, as opiniões de Timóteo sempre passavam pela validação de Raimundo, demonstrando que ele ainda não tem autonomia para tomar algumas decisões referentes à prática. Aqui não devemos descartar as relações profissionais que se desenrolam neste contexto. Raimundo é, ao mesmo tempo, empregador e dono do maquinário e da matéria prima com que Timóteo trabalha. Mas para além disso, como ficou evidente em certas declarações suas, o respeito pela experiência e a admiração pelas capacidades de Raimundo é o que parece dar a tônica da relação entre os dois.

A análise desse contexto de aprendizagem deve levar em consideração também a experiência prévia de Timóteo, que já não é um iniciante, e sim um praticante com mais de oito anos de marcenaria. Mesmo assim, é importante registrar, não devemos descartar que haja aprendizado. Tanto as relações pedagógicas quanto as técnicas de ensino e aprendizagem estavam baseadas no fato de que Timóteo já era um iniciado na prática da marcenaria. Observamos, por exemplo, que Raimundo, na maioria das vezes, não tomava as decisões sozinho e, sempre que possível, analisava e fazia comentários sobre detalhes da prática junto de Timóteo. A aprendizagem ali tinha, assim, muito claras suas propriedades de fenômeno cotidiano difuso e onipresente descritas por Ana Gomes (2014). Timóteo não aprendia marcenaria apenas quando Raimundo lhe indicava a máquina a ser utilizada para trabalhar determinada peça ou quando lhe confiava certa tarefa, mas também quando conversavam sobre características da madeira utilizada e os possíveis resultados que seriam alcançados ou quando atuavam juntos em determinada tarefa esclarecendo formas melhores de fazer ou técnicas mais adequadas para cada situação.

As estratégias para ensinar e aprender foram construídas a partir da experiência de cada um dos envolvidos na prática social em questão. Embora houvesse diferença na perícia resultante de mais ou menos vinte anos de exercício da marcenaria entre os dois praticantes em questão, nem Raimundo agia como um professor, sempre voltado para o ensino, nem Timóteo como um aluno, sempre voltado para o aprendizado. Era, pois, a experiência que definia o que um ensinaria e o que o outro aprenderia, sendo que não havia uma relação de instrução estabelecida para todas as ocasiões. O que Raimundo ensinava, ou mostrava, era a forma como um marceneiro com trinta anos de experiência enxergava as situações que se lhes apresentavam, como na noção de educação da atenção de Ingold (2010). Essa constatação nos levou à conclusão de que, em uma prática social como a marcenaria, os diferentes níveis de experiência em cada tarefa são um fator da maior importância para a definição das relações de ensino e aprendizagem, ou seja, é o fator que determina a existência e a forma dessas relações.

A experiência de Raimundo transparecia pelo grande domínio que ele tem sobre os detalhes da prática social: ajustes das máquinas, características das peças trabalhadas e improvisos que facilitam a execução do trabalho. É interessante notar que o improviso, ou a capacidade de improvisar, é um importante aspecto da ideia de aprendizagem apresentada por Bateson (1986), um processo no qual constantemente são elaboradas e aplicadas novas respostas a novos contextos-problema. Os improvisos, que podem ser

entendidos como formas de criatividade. Eles seriam, em síntese, demonstrações de domínio sobre o espaço e as técnicas da marcenaria. O que ficou claro é que Raimundo, com sua maior experiência, o que na prática significa maior tempo de aprendizado, possui maior domínio sobre as técnicas da marcenaria e sobre o ambiente de trabalho, como se espera de um praticante situado no centro de uma comunidade de prática.

Já Timóteo, quando perguntado se havia aprendido algo de novo na marcenaria de Raimundo, respondeu que aprendeu principalmente técnicas novas para fazer portas, dar acabamento, e formas de tornar o serviço mais eficaz. Questionado se ele saberia dizer quais seriam essas formas, respondeu sorrindo: “já são tantas que agora eu nem vou saber contar uma por uma, mas com certeza são muitas”. Além disso, aprendeu mais “usar as máquinas, que são diferentes. Em Jutai tinha máquina também, mas era outro jeito, mais difícil”. Podemos nos perguntar quanto desta maior dificuldade não estaria associado com a menor experiência que possuía na época.

De volta ao beneficiamento das vigas de madeira, foi possível observar que Raimundo não sabe trabalhar apenas com madeira: é ele quem produz, a partir de molas de caminhão usadas, as fresas que dão formas em relevo a pernas de mesa, almofadas de portas e outras obras que incluem a ornamentação, ainda que sutil. É ele mesmo quem concebe e executa a ideia de novas fresas, únicas em suas medidas, linhas e curvas. Aqui



Figura 4 - Fresas feitas por Raimundo sobre peça de madeira que demonstra o resultado da fresa que se encontra montada na máquina

temos uma habilidade que é estabelecida a partir da criatividade. O processo relativamente simples consiste em marcar com um lápis sobre a pequena placa retangular de aço, nesse caso com cerca de vinte centímetros, o formato desejado e pressioná-la sobre o esmeril que a limará, de acordo com a pressão feita, até as linhas esboçadas. Algo simples, mas demorado e cansativo. Questionado sobre se havia algum molde para aquela fresa, Raimundo sorrindo respondeu: “não, não, isso aqui veio foi da cabeça mesmo”. A compreensão da tecnologia da prática está, assim, além da mera habilidade de usar ferramentas. Seria mesmo um modo de se conectar com a história daquela prática e de participar de sua vida cultural.

A prática é para Raimundo, aliás, uma grande mestra: ele contou que aprendeu a fazer fresas sozinho, “tentando”, quer dizer, por meio do método de tentativa e erro.

Lembrando sobre como se iniciou no ofício de marceneiro, explicou:

“Tinha um primo da minha mulher que já era marceneiro, mas eu nunca trabalhei com ele. Eu ia até ele, perguntava como é que se fazia e vinha fazer em casa. Por isso eu falo que eu aprendi foi na prática mesmo. Eu comecei fazendo tamborete, e até os primeiros tamboretos eu fiz errado. É bem diferente de quem aprende trabalhando com alguém que já tem mais experiência” (Raimundo, 14/07/2017).

Esse fato não apenas ilustra o empenho de Raimundo, mas também evidencia a importância da prática para o aprendizado da marcenaria. O que suas palavras revelam é que mesmo sem um mestre e uma comunidade de praticantes para se inserir como praticante periférico legítimo, apesar das dificuldades consequentes, é possível se tornar um marceneiro por meio de uma prática engajada, mais ou menos como a descrita por Jean Lave e Etienne Wenger (1991), baseada no engajamento, quer dizer, na prática interessada. Pois há, para o sucesso do processo de tornar-se marceneiro, uma importante condição, como o próprio Raimundo esclarece:

“Não é todo mundo que aprende bem trabalhar com madeira. Tem que ter interesse. Tem um rapaz que me ajuda aqui às vezes, lixando, fazendo serviço simples. Mas ele não aprende nada de

novo. É porque ele vem, faz o serviço, mas não tem interesse. Então não é todo mundo que aprende” (Raimundo, 12/07/2017).

Esta declaração demonstra o fato de que replicar as técnicas não torna alguém um marceneiro. Isso porque parte do processo de tornar-se marceneiro envolve a participação ativa, quer dizer, o envolvimento com as atividades que fazem parte da marcenaria. Além disso, é essa participação que fornece arsenais para a capacidade criativa dos praticantes deste ofício que, como pudemos observar, é caracterizado pela criatividade e o improviso. É também o interesse, o engajamento progressivo na prática que define o sucesso do processo de aprendizado, mais uma vez, como sugerido por Lave e Wenger (1991). Não basta estar presente, pois o aprendizado não é uma simples transmissão de dados. É preciso estar motivado. Desta forma um participante cria metas de aprendizagem para si porque tem compreensão sobre o processo laboral completo, ele pode desenvolver assim seu próprio currículo potencial à medida em que sua participação se movimenta na comunidade de prática e lhe possibilita apropriar-se de toda a cultura daquela prática. No contexto observado a motivação parece vir do fato de que a marcenaria é a profissão que Timóteo adotou para si. Em comunidades de prática, é o mesmo engajamento que permitirá que o praticante se legitime e, adquirindo experiência, se mova da periferia para o centro da prática social. Este é um ponto muito importante, pois é porque o interesse, ou a motivação para a aprendizagem, proporciona experiência que possibilita o ingresso e o progresso de alguém na marcenaria, por exemplo.

Depois de terminar a fresa que usou para dar acabamento nas vigas de madeira, Raimundo conversou com Timóteo sobre o resultado. Discutiram sobre a sua forma, os ângulos de suas curvas e o seu provável efeito sobre a madeira. Antes disso, o próprio Timóteo havia destacado que, diferente de muitos marceneiros que dependem de peças prontas, que vêm de São Paulo, era sempre Raimundo quem fazia as fresas usadas em sua marcenaria. Hoje Timóteo também sabe fazer fresas.

Sobre aquela recém terminada, decidiram que ela deveria ser experimentada. Foi Timóteo quem montou a fresa nova na máquina que a girava “como um ventilador”. O resultado foi novamente discutido entre eles e, por fim, Raimundo decidiu que alterações seriam necessárias e voltou ao esmeril.

Em uma conversa sobre marcenaria, Timóteo contou que algo que acha muito interessante nessa profissão, e que em sua opinião a difere das demais, é a criatividade. Revelou que gosta de imaginar que a madeira que ele está trabalhando provavelmente

veio de muito longe e agora está ali, para que ele crie alguma coisa com ela. E, em seguida, o filho de Raimundo acrescentou que a marcenaria não é um trabalho que estressa. Ela, na verdade, dá prazer a quem a pratica. A isso Raimundo acrescentou, retomando a ideia da criatividade, que não é só o prazer de criar, pois “a criatividade chama o freguês”, exemplificando com o fato de que há algum tempo ele só fazia um modelo de porta, e hoje faz pelo menos cinco tipos diferentes, e então mais gente, de gosto diferente, pode gostar do trabalho dele e querer comprar. Outro exemplo dado por ele é o das “cadeiras de fechar” que ele está começando a produzir: “antes eu nunca tinha feito, não sabia fazer. Agora já tenho até encomenda”, disse apontando para uma pilha de armações, explicando que para começar só precisou de um modelo para se basear.

Questionado se havia algo que poderia ser considerado um problema na profissão de marceneiro, Timóteo disse que se ela pode ser prazerosa, por outro lado, é uma profissão que pode prejudicar a saúde do praticante, por causa do pó que o marceneiro inala todo dia. Aqui devemos acrescentar que o uso de equipamentos de proteção individual entre os artesãos não foi observado. À observação de Timóteo, no entanto, Raimundo retrucou que na realidade toda profissão tem disso: “é assim também para quem mexe com ferro, quem mexe com vidro. Todo trabalho tem o seu lado ruim”. O que transpareceu deste ponto é que o lado negativo das profissões parece estar principalmente relacionado a riscos e possíveis prejuízos à saúde dos profissionais.

Outro assunto que surgiu nessa conversa foi o desmatamento, que Timóteo disse achar ser outro ponto negativo da marcenaria. A esse respeito Raimundo também tinha sua opinião. Disse que o verdadeiro problema “é a madeira que vai para fora”. Porque “aqui na marcenaria, sendo bem planejado, a gente passa até um ano inteiro usando só quatro árvores de madeira”. Pior, em sua opinião, seria o que vai para outras regiões, ou o que é derrubado para fazer roça e pasto, “porque muita árvore boa, que ninguém vai poder usar, se perde”. Segundo ele isso é um problema sério, pois “a culpa sempre cai nos pequenos”, quer dizer em marcenarias como a sua.

Raimundo disse ainda que na marcenaria o lucro sempre é pequeno, mas que constituindo freguesia tudo melhora. Ou seja, a rede de contatos estabelecida ao longo dos anos e o prestígio adquirido com a experiência são os fatores que possibilitam a manutenção do empreendimento. É por isso também que o marceneiro tem que ser honesto, afirmou. É preciso ser correto com o dinheiro dos clientes e não pegar serviços que não pode fazer. Assim se constrói freguesia, assinalou. Para ele, o lado negativo da marcenaria é que sempre falta capital e não há incentivos do governo para os marceneiros.

A esse respeito revelou que gostaria de ter um galpão maior e vender seu trabalho para fora de Tefé, mas que sem algum tipo de financiamento no início se torna muito difícil realizar estes desejos.

Os principais problemas para a marcenaria na visão de Raimundo são, portanto, a falta de recursos e a perseguição. A falta de recursos, que como ele mesmo assinalou, sempre afeta mais as empresas pequenas, familiares como a sua, porque elas não têm capital de giro para investir em reformas necessárias nos galpões ou em renovação do maquinário, que se torna velho e pouco eficiente. Já a perseguição para ele se expressa na dificuldade em conseguir, na cidade, madeira manejada, situação que sugeriu que poderia ser resolvida com a facilitação de planos de manejo na região. “É por causa da burocracia que o negócio não cresce” concluiu³. Para o filho de Raimundo, que já é pai de família, ainda que a marcenaria seja uma boa profissão, ela não deve ser seu único “ganha pão”. Seu desejo parece resultado de algo que ficou claro também em declarações de seu pai, para quem apesar do excepcional maquinário para o perfil da marcenaria tefeense, a prática do ofício já não é tão recompensadora em seu sentido econômico como foi outrora. Assim, parece plausível a hipótese de que empresas familiares, como a de Raimundo, ainda que sejam um modelo frequente em Tefé, têm tido dificuldades em se adequar ao processo de modernização da cidade.

O que foi dito na conversa daquela manhã ilustrou tanto como estes praticantes se entendem dentro de sua prática quanto como eles entendem sua prática no mundo. Se por um lado a marcenaria é relacionada com a criatividade e o prazer, por outro está, reconhecidamente entre seus praticantes, desvalorizada. Um caminho, segundo Raimundo, pode ser deixar de lado os trabalhos com madeira e ingressar nos negócios com MDF (sigla internacional para placa de fibra de média densidade), um material mais barato e que tem a procura em ascendência. Com isso alguns elementos próprios da prática da marcenaria serão alterados, mas também devemos nos lembrar que adaptações a novos contextos são condições para a existência, tanto de organismos quanto de práticas sociais. Mas essa é apenas uma possibilidade. Os verdadeiros resultados apenas o tempo poderá revelar.

³ A crítica de Raimundo se aproxima da realizada por João de Araújo (2011) que, analisando a invisibilidade dos trabalhadores do setor marceneiro de Xapuri-AC, sugere que a fim de contornar certas contradições do desenvolvimento na Amazônia brasileira, as perspectivas do manejo florestal devem levar em consideração as populações tradicionais e a conservação ambiental sem perder de vista parcelas da população urbana que representam riscos diminutos à conservação e dependem do recurso madeireiro para a manutenção de sua prática social.

Considerações finais

Consideramos que a reprodução social desta prática está, como observamos, baseada no aprendizado. Isso porque o que se aprende em grupos de praticantes como a oficina de Raimundo inclui técnicas próprias da marcenaria e a identificação com o ofício de marceneiro. O aprendizado é fundamental, assim, porque permite que os indivíduos tenham acesso a grupos de praticantes nos quais circulam técnicas e são elaborados significados sociais para o ofício, quer dizer, proporcionam tanto o auto reconhecimento destes indivíduos como praticantes da marcenaria quanto compreensões sobre como esta prática é entendida pela sociedade.

Além disso ficou clara a importância da experiência na estrutura da prática social e no sistema de relações que compõe a comunidade de praticantes que observamos. Como ficou patente, o papel central da experiência pode ser atribuído tanto ao fato de determinar a posição dos sujeitos nesse sistema de relações quanto à sua característica de definir as estratégias pedagógicas que deverão ser adotadas ao longo do processo de aprendizagem. Além disso, é a experiência resultante de longo período de engajamento na prática que confere aos indivíduos maior conhecimento sobre situações-problema e possíveis soluções, o que contribui para a capacidade de improvisar e criar com a madeira. É essa capacidade que confirma o sucesso dos indivíduos no ofício, permitindo que se movam da periferia para o centro desta prática social.

Outros fatores também merecem destaque. Um deles é a forte relação entre a casa e a família de Raimundo e a oficina, algo que revela uma característica importante da prática da marcenaria na região, onde o trabalho destes artesãos se desenrola em oficinas localizadas nos quintais de casa ou em terrenos adjacentes, com a participação de parentes próximos e funcionários que acabam se tornando, de certa forma, agregados do grupo familiar. Outro fator importante é a identificação e o engajamento de Timóteo nesta que pode ser, a despeito de reconhecidamente uma profissão menos rentável do ponto de vista econômico, a profissão de sua vida. Tanto o tom familiar que possuem ou assumem as relações desenvolvidas em oficinas como esta, quanto a identificação com um ofício caracterizado como criativo são indicativos de porque a marcenaria, nos moldes observados, pode ser considerada um ofício que dá prazer a quem o pratica. Casos como este são uma importante prova da vitalidade de práticas sociais que apesar dos constrangimentos impostos pela modernização seguem adaptando suas técnicas e reinventando seus significados.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a Raimundo e Timóteo, protagonistas de nossa observação. Além deles gostaríamos de agradecer a toda família de Raimundo que nos recebeu com compreensão e boa vontade em sua casa.

Referências bibliográficas:

ARAÚJO, João Maciel de. Novas contradições do desenvolvimento na Amazônia brasileira: a indústria florestal e a invisibilidade dos trabalhadores do setor marceneiro de Xapuri. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos CODE/IPEA**, 2011.

BATESON, Gregory. **Mente e natureza: a unidade necessária**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, p.3-24, 1989.

GOMES, Ana. M. R. Um (possível) campo de pesquisa: aprender a cultura. In: TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. (Org.). **Diálogos sem fronteiras: história, etnografia e educação em culturas ibero-americanas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 205-220, 2014.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação, Porto Alegre**, v.33, n. 1, p. 6-25, 2010.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. New York: Cambridge University Press, 1991.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”, In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p.399-424, 2003.

OLIVEIRA, Maria.C. Aprendizagem e Comunicação em Bateson: a exigência de uma epistemologia formal e complexa. **Trans/Form/Ação**, v. 39, n. 1, p. 93-118, 2016.

RIBEIRO, Emília Melo. Profissiografia de Marcenaria. **Arquivos Brasileiros de Psicotécnica**, v. 2, n. 2, p.73-82, 1950.